

# **Violência Contra Mulheres no Complexo da Maré, Rio de Janeiro**

2018

**Miriam Krenzinger  
Eliana S Silva  
Rosana Morgado  
Joana Garcia  
Gisele Martins  
Isabela S Silva**

# Violência Contra Mulheres no Complexo da Maré, Rio de Janeiro



Funded by



Supported by  
**ARTS COUNCIL  
ENGLAND**

Supported by



## Apresentação

Este relatório delinea os principais resultados de pesquisa realizada no âmbito do projeto “Cidades Saudáveis, Seguras e com Equidade de Gêneros: Perspectivas Transnacionais sobre Violência Urbana contra Mulheres”, financiado pelo Conselho de Pesquisa Econômica e Social (ESRC/Reino Unido). O relatório enfoca o estudo realizado no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, onde foram realizadas pesquisa por questionário com amostragem de 801 mulheres, 20 entrevistas aprofundadas com mulheres sobreviventes da violência, mapeamento de 14 entidades que oferecem serviços de apoio, e sete grupos focais de que participaram 65 atores sociais, debatendo os fatores de risco e de proteção da VCMM.

## Premissas do estudo

- A violência contra as mulheres é entendida como uma relação de poder exercida de forma dinâmica tanto por homens como por mulheres, ainda que de forma desigual
- A Violência Contra a Mulher (VCM) é um fenômeno multidimensional que expressa as diferenças socialmente construídas entre os gêneros e raças, assim como a divisão sexual desigual no acesso ao mundo do trabalho, englobando violência conjugal e outras formas de VCM (tais como violência policial, discriminação racial, violência contra LGBTs)
- As práticas de violência e as respostas dadas pelos agentes do Estado e por diferentes grupos sociais estão relacionadas a questões de gênero, assim como de classe social, raça e etnia, e orientação sexual, dentre outras categorias socialmente construídas
- Os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem ao estabelecimento de relações violentas entre os sexos que é fruto do processo de socialização dos indivíduos; a construção social tanto da feminilidade quanto da masculinidade também está conectada ao fenômeno da violência
- As formas da violência (física, psicológica) e os contextos das suas manifestações (doméstico, urbano, institucional) decorrem principalmente de fatores econômicos, culturais e relacionais
- A cultura brasileira tem por base uma matriz patriarcal que fomenta a desigualdade social no acesso à justiça e ao frágil sistema de proteção e garantia dos direitos das mulheres
- A generalização da violência machista e sexista contribui para que algumas mulheres culpabilizem as vítimas, reproduzindo a violência que as oprime
- As características da vida urbana no Brasil (violência por parte de grupos armados) contribuem para a perpetração de violência baseada no gênero

## Contexto: o Complexo da Maré

O *Complexo da Maré* ocupa uma área de quase 4 km quadrados e é formada por 16 comunidades, abrigando cerca de 140 mil moradores, configurando-se como o maior complexo de favelas da capital fluminense. No *Complexo da Maré*, que em termos populacionais, é maior que 90% dos municípios brasileiros, convivem três grupos criminosos armados que disputam de forma violenta o controle do cotidiano do território e da vida dos moradores. O governo do estado do Rio de Janeiro, assim como o governo federal, intervêm sobretudo por meio de uma política militarizada de segurança pública com ações pontuais e violentas que impactam diretamente a garantia do acesso aos direitos da cidadania dos moradores locais. Entre janeiro e julho de 2017, 6 mil crianças ficaram mais de 20 dias sem acesso seguro às escolas no *Complexo da Maré*. Foram 40 dias de confrontos armados que vitimaram fatalmente 20 moradores; nesses sete meses, o número de mortes superou todos os homicídios que ocorreram na Maré em 2016 (17 mortes). A intervenção policial é marcada por invasões arbitrárias de domicílios e de instituições da sociedade civil, danos patrimoniais, prisões sem mandado judicial e, até mesmo, execuções sumárias, que provocam situações de verdadeiro terror no cotidiano nas comunidades.

### UM PERFIL DAS MULHERES NA MARÉ

Cerca de três em cada cinco (62%) mulheres que responderam o questionário nasceram na cidade do Rio de Janeiro, e duas em cada cinco (41%) nasceram na Maré. A maioria das mulheres que não nasceu na cidade do Rio de Janeiro (38%) é de origem nordestina (88%). Em termos de raça, quase metade se declarou parda (mista), três em cada dez (30%) se declararam branca, e uma em cinco (19%) se declarou ser preta. Os dois principais grupos de mulheres que sofreram violência tinham idade entre 18-29 (33%) e entre 30-44 (32%). Em relação às mulheres entrevistadas, 39% tem curso fundamental incompleto, 24% completou o ensino fundamental, e 30% completou o ensino médio.

## VCM NA MARÉ

A grande maioria das mulheres (76%) afirmou que a VCM ocorre na Maré, mas quase uma em cada cinco não sabia dizer se ela ocorre ou não, e uma minoria pequena (6%) afirmou que não ocorre. Igualmente, a maioria das mulheres (72%) afirmou que a VCM na Maré aumentou, enquanto uma em cada quatro (25%) não percebeu mudança, e uma minoria inexpressiva afirmou que diminuiu (3%).

Na pesquisa por questionário, as mulheres tiveram oportunidade de apresentar suas próprias definições de violência. Assim, mais de um terço (34%) identificou como violência a agressão física associada à psicológica. Cerca de 15% a definiu com o agressão (sem maior especificação); 14% definiu a violência como a combinação de várias formas de agressão, violação e maus tratos; uma em cada dez (10%) não apresentou definição; 8% relacionou violência com agressão física; 6% mencionou aspectos urbanos, relacionando a violência às relações sociais mais amplas (não pessoal).

Quase um terço das mulheres (29%) declarou ter sofrido violência, mas outros 10% (N=81) posteriormente afirmaram terem revelado a alguém um episódio de violência, indicando que não entendem como violência algumas das formas apresentadas no estudo (veja abaixo).

Das mulheres entrevistadas, 17 vivenciaram múltiplas e concomitantes formas de violência física e agressões verbais sofridas ao longo da vida, predominantemente no âmbito doméstico, embora em alguns casos elas não reconhecessem certas formas como violência (por exemplo, racismo, trabalho infantil, maus-tratos na infância). Outras formas de violência relatadas foram o abuso sexual ou estupro (9), e maus-tratos na infância.

Os grupos focais, por sua vez, identificaram várias formas de violência, tal como a violência psicológica, física, agressão material (onde um companheiro priva materialmente a mulher, forçando-a a depender dele financeiramente), a infidelidade no relacionamento, o tratamento desrespeitoso e ofensivo em relação à mulher. O preconceito (homofobia) foi apontado como principal causa da violência entre os segmentos LGBT+, praticados desde cedo por membros de suas próprias famílias. Entre as usuárias de crack, destacaram o uso das facas como instrumento de intimidação e agressão física entre os moradores, homens e mulheres. Entre a liderança e ativista sociais, a violência foi reconhecida como parte das relações sociais e decorrente de relações desiguais de poder.

### REPORTANDO A VCM

Na pesquisa por questionário, a família é a mais utilizada pelas mulheres para revelarem a violência que sofreram. Quase dois terços (64%) não tinham revelado a violência sofrida por considerarem que não era grave. Algumas mulheres confiam na eficiência da rede de proteção pública e na justiça de maneira geral, mas outras não.

Já nas entrevistas aprofundadas e nos grupos focais, além da família, lideranças religiosas e do tráfico de drogas apareceram como vias alternativas de proteção para enfrentamento da violência conjugal. Houve também manifestações recorrentes descrédito da rede de proteção e dos canais do acesso à justiça, enquanto a religião apareceu como forma de proteção, embora certos dogmas religiosos dificultem a separação de mulheres de seus agressores. O medo e a vergonha foram citados na pesquisa, nas entrevistas e nos grupos focais como fatores que impedem a busca de ajuda para lidar com a violência.

O mapeamento dos serviços de apoio revelou que a rede de proteção pública existente é insuficiente, tanto em termos do número de serviços oferecidos quanto de profissionais, e vem passando por um processo de precarização (por exemplo, serviços que não dispõem de recepcionista ou faxineira). Os profissionais indicam que as mulheres desconhecem as atribuições de cada um dos serviços, ressaltando que a falta de atendimento da demanda se dá por não ser ela “pertinente ao serviço”. O mesmo se dá com os outros serviços de encaminhamento. Há esforços no sentido de realizar um trabalho mais articulado, porém prevalece uma rede “pessoal” entre as profissionais dos diferentes serviços.

### CONFRONTANDO A VCM

O estado (‘poder público’) foi identificado como o principal agente para mudar a visão da sociedade quanto à violência por uma em cada três mulheres (30%). Uma em cada cinco mulheres (20%) não ofereceu resposta, mas uma em cada cinco (20%) apontou para a importância do debate e da conscientização acerca das manifestações das violências e dos direitos da mulher. Também foi expressiva a referência “a todos”, ressaltando a violência como uma questão que envolve e implica a sociedade na sua reprodução e prevenção. Cerca de 13% das mulheres apontaram a própria mulher como responsável pela mudança.

## Algumas recomendações

- Políticas que vão além da agenda das “cidades seguras”, que tende a focar apenas os sintomas da violência urbana, ao invés dos fatores multicausais subjacentes e enraizados nas desigualdades profundas de gênero.
- Mais educação, saúde e geração de renda, do que punição aos agressores; políticas voltadas para os agressores, bem como de educação e prevenção da violência de gênero.
- A organização coletiva e a geração de renda como formas relevantes de contribuir para o fim do ciclo de violências e possibilitar às mulheres, vítimas desses processos, uma renda que lhes permita garantir a manutenção de sua família e romper com a dependência do agressor.
- Projeto para qualificação das mulheres para o mercado de trabalho ou para a realização de atividades remuneradas, acompanhado de informações básicas sobre direitos da mulher, do trabalho, saúde sexual e reprodutiva, e funcionamento de serviços públicos básicos disponíveis.
- A educação em direitos humanos, trabalho e gênero, para propiciar a reflexão sobre a desigualdade de gênero, o cruzamento entre gênero e raça e suas consequências, a divisão sexual do trabalho, a violência doméstica e urbana, a Lei Maria da Penha, a participação social e política, a saúde mental, o uso abusivo de álcool e outras drogas, e a segurança pública.

## Impactos da pesquisa

A parceria entre a Escola de Serviço Social (ESS), Núcleo Interdisciplinar de Ações para a Cidadania (NIAC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Redes da Maré/ Casa das Mulheres, passou a desenvolver, desde 2017, um conjunto de ações como plantão social, oficinas em direitos da cidadania, orientação sócio-jurídica e acompanhamento individual e familiar às mulheres em situação de violência.

O setor sócio-jurídico da Casa das Mulheres vem se constituindo num polo acolhedor das atividades de excelência em estágio, pesquisa e extensão em direitos das mulheres da UFRJ. Um papel chave tem sido orientar suas ações para as organizações da sociedade civil do conjunto de favelas do Complexo da Maré, e para a defesa e a avaliação de políticas públicas de promoção dos direitos humanos das mulheres em situação de violência.